

1º Congreso Internacional de Ciencias Humanas - Humanidades entre pasado y futuro. Escuela de Humanidades, Universidad Nacional de San Martín, Gral. San Martín, 2019.

Edição de si: mulheres, editoras, independentes.

Santana Gomes, Letícia y Santana Gomes, Letícia.

Cita:

Santana Gomes, Letícia y Santana Gomes, Letícia (2019). *Edição de si: mulheres, editoras, independentes*. 1º Congreso Internacional de Ciencias Humanas - Humanidades entre pasado y futuro. Escuela de Humanidades, Universidad Nacional de San Martín, Gral. San Martín.

Dirección estable:

<https://www.aacademica.org/1.congreso.internacional.de.ciencias.humanas/1565>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eRUe/gdw>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.

Para ver una copia de esta licencia, visite

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.



UNIVERSIDAD
NACIONAL DE
SAN MARTÍN

1949-2019
70 AÑOS DE
GRATUIDAD
UNIVERSITARIA

ESCUELA
HUMANIDADES
20 AÑOS

LICH
Laboratorio de Investigación
en Ciencias Humanas



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

Edição de si: mulheres, editoras, independentes

Santana Gomes, Letícia
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG
leticiasantanag@gmail.com

Resumen

Pretendemos analisar o discurso autobiográfico de três editoras de livros independentes, mulheres, em uma posição de proprietárias de suas casas editorias, mentoras de seus catálogos, e estabelecer um paralelo entre os aspectos discursivos, memorialísticos e editoriais a partir das narrativas de si. Por meio do discurso autobiográfico de Constanza Brunet (Marea Editorial - Argentina), Maria Mazarello (Mazza Edições - Brasil) e Paula Anacaona (Anacaona Edições - França), pretendemos encontrar as projeções de si e a ideia do trabalho como algo íntimo e indissociável do ser humano. Para isso, utilizaremos como arcabouço teórico o conceito de ethos discursivo (Amossy; Maingueneau, 2008) e algumas postulações de Bourdieu (1999) sobre os editores heroicos, além das discussões sobre o termo independente (Botto; De Diego, 2014; Colleu, 2007; Muniz Jr. 2016). Certamente, essas editoras buscam que as publicações de suas editoras possam chegar em outros territórios, não apenas para os lugares de origem. Apresentaremos trechos das narrativas de vida dessas editoras e destacaremos as possíveis projeções de si abordadas em suas entrevistas.

Editoras; Independentes; Casa editorial; mulheres; edição; mercado editorial



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

Ponencia

Diante das inúmeras postulações que esse signo “independente” e, sobretudo, “editora” suscita, nos questionamos: o que seria o signo emblemático “editora”? A representação de uma mulher como responsável pela edição de uma obra? Ou a casa editorial, instituição, propriamente dita? E a mulher editora independente, como se projeta diante dessas adjetivações? Por isso, pretendemos levantar alguns questionamentos e servir de aporte teórico para discussões até então pouco discutidas no cenário editorial e na Análise do Discurso, sobretudo nos discursos autobiográficos.

Quais foram as mulheres no cenário editorial que estavam à frente de suas casas editoriais? Quem são essas mulheres que levam publicações a um público diverso de leitores? Quem são essas editoras, mulheres, que se autointitulam independentes? De que maneira os papéis sociais desempenhados pelas editoras ditas independentes se entrecruzam em suas narrativas de vida? Percebemos que, o sujeito falante, ao contar sobre sua própria vida, não consegue desvinculá-la sem fazer menção ao trabalho. A profissão, portanto, é indissociável de sua vida íntima, privada, como uma forma de autoconstrução desse sujeito. Outra questão também é colocada diante desse questionamento, ao narrar sobre sua própria vida, tais editoras não fazem uma edição de si?

Isso nos instiga pelo fato de que não contamos sempre a mesma história, mesmo que evocamos os mesmos acontecimentos: cada vez, a situação de enunciação, o gênero discursivo escolhido e o outro, o interlocutor, vai impor uma forma de relato que é, justamente, o que fará sentido. Por isso, na dinâmica do narrar, entre o pessoal e o coletivo, a tentativa de se nomear aquilo que se vê, a possibilidade e a impossibilidade da transmissão, de dar conta da própria experiência, se transforma em narrativas e em múltiplas faces do dizer.

Por isso a ideia de relacionar o discurso das editoras independentes dentro de um espaço biográfico e pensar em categorias analíticas que envolvam as narrativas de vida, a Análise do Discurso e os processos editoriais. Com a impossibilidade de definir com apenas um adjetivo o termo independente, decidimos que a escuta atenta às e as suas



UNIVERSIDAD
NACIONAL DE
SAN MARTÍN

1949-2019
70 AÑOS DE
GRATUIDAD
UNIVERSITARIA

ESCUELA
HUMANIDADES
20 AÑOS

LICH
Laboratorio de Investigación
en Ciencias Humanas



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

especificidades sobre o que é ser independente aproximaria da imagem que tem de sua própria profissão e de si. Para isso, selecionamos as seguintes editoras: Maria Mazzarello no Brasil; Constanza Brunet na Argentina; e por fim, Paula Anacaona, na França..

As editoras

Todas as editoras selecionadas são reconhecidas pela especificidade na produção e difusão literária, e se deve ao fato, sobretudo, de serem mulheres em uma posição de proprietárias de suas casas editorias, mentoras de seus catálogos, e pela representatividade que a Argentina, o Brasil e a França assumem no contexto editorial. Certamente, elas buscam que as publicações de suas editoras possam chegar em outros territórios, não apenas para os lugares de origem. Ademais, o critério de interculturalidade, como intercâmbio cultural entre as sociedades, prevalecendo a diversidade entre eles, sustenta a justificativa para essas escolhas.

Como foi observado por Bourdieu (2014), é pertinente pensar a relação que se pode estabelecer do editor e de sua casa editorial, que afirma existir, sob a base de uma análise documental e de uma votação etnográfica, uma correspondência forte entre as características do editor e as características de sua editora – o que, a nosso ver, será possível fazer essa associação a partir das narrativas das editoras –. Por isso, problematizaremos o lugar do independente no meio editorial e como essas editoras refletem o modo de ser da profissão.

Um dos critérios quanto à escolha das editoras está, dentre outros motivos já citados, a “bibliodiversidade” (Colleu, 2017), cuja noção aplica o conceito de biodiversidade ao livro, ou seja, remete à diversidade de produções livres disponíveis ao público que essas editoras sustentam. A escolha de Maria Mazzarello se justifica por ser a primeira editora de registro no Brasil com publicações voltadas à diversidade racial, com o nicho específico de publicações afro-brasileiras. Ao se referir à sua trajetória, Mazza sempre relata um problema social: o racismo. Por ser negra, mulher e pobre, enfrentou barreiras que são fortemente descritas durante sua entrevista. Reafirmamos o vínculo de seu perfil com a sua casa editorial, já que poucos a conhecem pelo nome completo; ela e a



UNIVERSIDAD
NACIONAL DE
SAN MARTÍN

1949-2019
70 AÑOS DE
GRATUIDAD
UNIVERSITARIA

ESCUELA
HUMANIDADES
20 AÑOS

LICH
Laboratorio de Investigación
en Ciencias Humanas



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

editora estão imbricadas até mesmo pelo apelido: Mazza. É assim que tanto a editora quanto a sua casa editorial são conhecidas e indissociáveis.

Tendo em vista o contraste argentino frente ao brasileiro, embora próximos geograficamente, mas com diferenças históricas significativas, tivemos o interesse em entrevistar a editora Constanza Brunet, da Marea Editorial, que tem em seu discurso uma vertente fortemente atreladas às ideias marxistas e leninistas, de apoio a movimentos sociais feministas e LGBTQI+ que são ressaltados no catálogo de sua editora. Como não iremos ressaltar o catálogo das editoras nesta tese, mas as suas narrativas e a ideia da profissão indissociável de sua íntima, ressaltamos, aqui, o perfil de Constanza Brunet ligado ao imaginário da mulher argentina, com uma vertente ideológica de esquerda e politicamente engajada.

Por fim, temos a escolha da editora Paula Anacaona, de Paris, que se destaca pelas publicações de livros de literatura brasileira traduzidos na França. Em 2009, inaugura a casa editorial que tem também o seu sobrenome. Anacaona se projeta como responsável por difundir uma literatura tão primorosa em um ambiente europeu, marcada pela resistência e por um trabalho de difusão de ideias brasileiras, marginalizadas, para serem lidas a um público, até então, com ideias estereotipadas do Brasil.

Editando: as versões do independente

Como Munir Jr. aponta, a noção de editor independente ampliou sua presença nos relatos de vida cultural nos últimos vinte anos. Tal presença se deve ao surgimento dos grandes grupos editoriais que seguem outra lógica de funcionamento de uma editora. Observam-se, então, várias dicotomias nesse espaço editorial. De um lado, temos as pequenas editoras, de capital familiar, do livro com qualidade literária; de outro, as grandes, com capital financeiro e o livro como mercadoria. Em meio a essas polarizações, Munir Jr. (2016) propõe classificações em torno do independente. O título de sua tese, Girafas e Bonsais: editores independentes na Argentina e no Brasil (1991 – 2015), já expressa essas duas categorias dentro do universo independente. Assim, o pesquisador propõe a dualidade dos editores “girafa”, editores empresários culturais,



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

que “mantêm a cabeça no alto e os pés no chão” (MUNIZ JR. 2016, p.19), caracterizados, geralmente, por editores mais velhos, e os editores “bonsai”, aqueles editores que “requerem muitos cuidados e estão fadados a nunca crescer” (MUNIZ JR. 2016, p.19). Esses últimos permanecem com um catálogo pequeno e não tem pretensão de virar empresa, fazem livros nas horas vagas, como um hobby, sendo caracterizados como editores mais jovens.

Com a escuta atenta às editoras, pensamos a partir do *ethos* discursivo as imagens que podemos das editoras, Maria Mazarello, Constanza Brunet e Paula Anacaona para tentar compreender essas versões de si.

O *ethos* discursivo

A elaboração da noção contemporânea de *ethos* que abordamos atualmente se deve a Dominique Maingueneau. Para o autor, essa noção se desenvolve de forma articulada à de cena de enunciação. Para o pesquisador, o *ethos* está ligado à enunciação, não a um saber extradiscursivo sobre o enunciado, que irá se desdobrar no registro do mostrado e do dito. Nesse sentido, o público constrói representações do enunciador antes mesmo que ele fale. Em termos pragmáticos, “o *ethos* se desdobra no registro do 'mostrado' e, eventualmente, no do 'dito'”. (Maingueneau apud Amossy, 2004, p. 70).

Nesse sentido, associamos o *ethos* discursivo das editoras independentes nas seguintes categorias: *ethos* de competência - exige saber e habilidade, um domínio particular na atividade que exercem. Características que invocam esse percurso: herança, estudos, funções exercidas, experiência adquirida. Mazza, Constanza e Paula assumem a competência por terem um papel decisivo na cadeia editorial e um compromisso profissional de se aperfeiçoar e buscar a melhoria das produções, atrelado a uma característica “independente”.

O *ethos* de independência: em Mazza, percebemos a imagem de independente atrelado a um perfil militante. Embora tenha sido uma batalha conseguir abrir uma editora independente, persiste em continuar com publicações voltadas à temática afro-brasileira, motivada pela sua trajetória de vida. Em Constanza, o *ethos* independente



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

está associado à precursora na temática progressista, de esquerda na Argentina e como uma mulher legitimada (jornalista e cientista política) para tal abordagem. Por fim, em Paula Anacaona ressaltamos o ethos independente ligado à questão de subverter estereótipos brasileiros na França, de uma busca para difundir uma literatura verdadeiramente brasileiro aos franceses.

Outra projeção de ethos que emerge das práticas discursivas das três editoras está atrelado à resistência, marcada por uma busca das editoras de que suas produções sejam respaldadas por valores literários e artísticos das obras, pela busca de um público leitor e de sua formação crítica, resistindo à vinda dos oligopólios, do preconceito existente na sociedade (Mazza) e a busca de uma literatura nacional. As posturas das editoras geram alguns efeitos de sentido, como a força e a coragem, já que, apesar de terem enfrentado diversos percalços em suas vidas, resistem e persistem, utilizando-se dessa característica como resposta para seguir a caminhada.

Ao analisarmos o perfil editorial das editoras, e com base em Munir Jr. (2016), pensamos: i) as editoras só reforçam o conjunto heterogêneo de significações que o signo independente invoca; ii) Não há só uma editora que permita caracterizar o universo independente, mas é por meio dessa pluralidade de elementos que possibilitam essa diversidade; iii) Essas editoras ocupam diferentes posições no espaço editorial. Assim, não poderíamos deixar de mencionar o critério de bibliodiversidade como um dos destaques para a edição independente, e os papéis sociais, com as projeções de independência, resistência e competência que as editoras invocam.

Bibliografía y referencia bibliográficas

Amossy, Ruth (org). (2005) *Imagem de si no discurso: a construção do ethos*, São Paulo: Contexto.

Botto, Malena. (2014) “1990-2010: concentración, polarización y después”. In: DE DIEGO, José Luis. *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)*, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.



UNIVERSIDAD
NACIONAL DE
SAN MARTÍN

1949-2019
70 AÑOS DE
GRATUIDAD
UNIVERSITARIA

ESCUELA
HUMANIDADES
20 AÑOS

LICH
Laboratorio de Investigación
en Ciencias Humanas



PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS HUMANAS

Bourdieu, Pierre. (2014) “Una revolución conservadora en la edición”. In: *Intelectuales, política y poder*, Eudeba: Buenos Aires.

Colleu, Gilles. (2007) Editores independientes: da idade da razão à ofensiva? Trad. Márcia Atália Pietrolungo, Rio de Janeiro: Libre – Liga Brasileira de Editoras.

Muniz Jr., José de Souza. (2016) *Girafas e bonsais*: editores “independentes” na Argentina e no Brasil. 2016, 335f. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.